

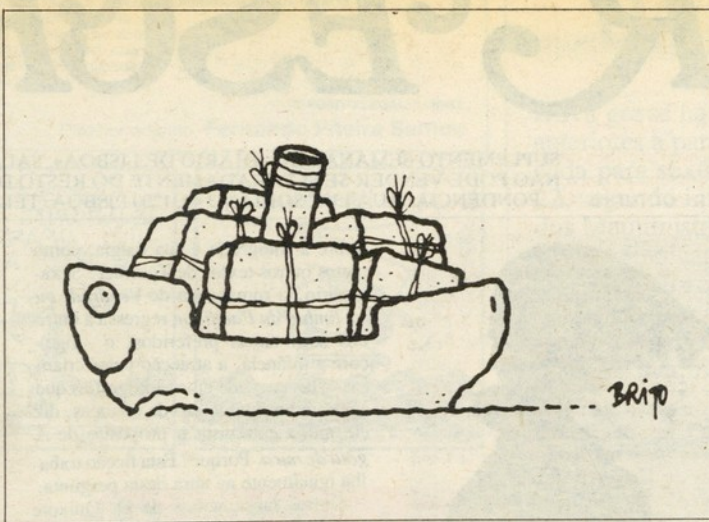
Os Labirintos do corpo, Maria Graciete Besse, Ulmeiro, Lisboa

É o terceiro livro que Maria Graciete Besse publica. O primeiro foi em 1983, uma colectânea de poemas intitulada *Rosto Sitiado* (Fenda Ed., Coimbra), e pouco ou quase nada se deu conta dele. De passagem se diga que não seria caso para muito: não havia aí grande coisa de novo, era a impressão com que se ficava a uma primeira leitura. Uma segunda leitura não desfazia tal impressão e, se formos reler o livro a três para quatro anos de distância, não será outra a impressão com que se fica, principalmente se considerarmos o que, depois disso, a autora publicou, *Mulher Sentada no Silêncio* (em 85, na Ulmeiro). Eis um livro que merecia e justificava sorte bem melhor do que a sorte que teve (junto da crítica, pelo menos, — que junto do público não sei), se não porque o texto fosse grandemente alterador de situações, de perspectivas da novelística portuguesa actual, pelo menos porque neste contexto marcava uma sensível diferença, pelas suas flagrantes notas de maturidade, e qualidade, palavras que ocorrem para designar o domínio de uma linguagem, segurança de processos e excelência de efeitos produzidos pelo meticuloso trabalho narrativo e, principalmente, construtivo (acepção de tex-

tual). *Labirintos do Corpo*, agora (e de novo na Ulmeiro) nem irá muito além do livro anterior, mas, é evidente, logo a uma primeira leitura, que lhe prolonga, amplia e apura processos e resultados, confirmando as melhores impressões que aquele livro deixou e justificando um forte investimento de expectativa na evolução que o processo desta obra poderá ter doravante.

A escrita de Graciete Besse é de uma forte sedução e levanta algumas dificuldades ao comentário. As duas notações não são contraditórias. Por um lado, ou em primeiro lugar, Graciete Besse faz da linguagem uma utilização fortemente interessada nas suas potencialidades, poéticas e estéticas, e subordina a esse interesse — estratégico, fundamental — tudo o processo narrativo. Os resultados desiludem as expectativas que poderão procurar aqui personagens, acção, situações, desenvolvimentos, — tudo aquilo que é sempre encontrável na história do romance, da novela. Mas são altamente gratificantes para quem, aquém e além disso, procura os textos para neles encontrar um trabalho criador de linguagem — que é necessário apañado do que com mais propriedade se designa por poesia.

Ter-se-á talvez a ideia de que a autora — que está ainda, pode-se dizer, num início de carreira — hesita entre duas opções, ou opta por dois processos difi-



ceis de fundir num só, global e total, sem o domínio, ainda, daqueles pequenos grandes expedientes com os quais, e somente com os quais, é possível uma síntese consequente e desencadeadora. Parecerá até que dá conta disso o carácter fragmentário desta escrita. Mas é possível que esta fragmentaridade seja estratégica e não menos que a actual resolução escritural de Graciete Besse possa fazer disto processo fundamen-

tal e próprio da sua escrita, perfeitamente consequente e produtivo.

Que as disposições (os dispositivos) se mantêm de *Mulher para Labirintos*, parece isso assegurar, para já, essa ideia. E não a desmente que daquele para este trabalho a autora tenha procedido a algumas alterações, — mas (e significativamente) qualitativas, em campos ou incidências como a econo-

mia (de recursos e meios), o rigor e a consisão (sintácticos, semânticos, construtivos). Mantém-se, parece, as concepções, os objectivos e os procedimentos. Mantém-se, antes de mais, a ideia de que se trata, tanto quanto de narrar, descrever, contar, dar conta (ou conto) do que se passa (é perceptível que se passa) no ser, nos seres, na vida deles no real, na existência, no mundo — e do que se passa no real, na existência e no mundo agindo sobre os seres e a vida deles (ou a noção que eles têm disso) também (ou antes de mais) de assumir, digamos, uma responsabilidade criadora perante a (ou no seio da) linguagem. Como se sabe, são raros os escritores de prosa capazes de assumir esta responsabilidade, para a qual, aliás, nem são muito solicitados, quando o que vão escrevendo basta para o público leitor que vão tendo, e com isso se contentam. Para já Graciete Besse está a assumi-la, e oxalá disso não se ressinta a projecção possível do seu trabalho.

Está no livro, indicação biobibliográfica, mas é para quem não tenha o livro à mão: Graciete Besse vive há anos em França, em Pau, onde é leitora de Português na Universidade. *Labirintos* é, à luz dessa informação, um texto que chega do exílio, embora a tal respeito, o texto, nada diga — nem teria de dizer.

Luís de Miranda Rocha

75 sonetos, Silva Carvalho, Solcris

COM uma dedicatória a Nietzsche, Heidegger e aos gregos, abre-se este conjunto poético de Silva Carvalho.

Um acutilante reflectir do Eu na sua relação com o envolvente é o primeiro grupo de poemas que aparecem com o título de «Logos». E esta razão, «exacta medida» tão procurada pelos nossos criadores gregos, idealiza-a o autor num texto. Passo a citar: «Um texto onde me lavasse da impureza mental, / com signos tão próximos da terra excruciante / que fosse possível apalpá-lo num gesto tal / que o texto se transformasse em vida hiante. / Um texto tão simples como a complexa natureza, / sulcado de rios, de verdes vegetais, de ardência /

insuflada pelo sol quando a verdadeira pobreza / significa, não a privação, mas conquista, ausência. / Um texto onde se descobrisse a lei e a quiddidade: reflexo, não de um mim que se sujou de mundo, / mas daquele que sou quando a nudez da idade / me abre ao cosmos dando-me um brilho fecundo. / Um texto tão natural que fosse paradigmático: / exacta medida num destino enigmático.»

A escrita surge como uma forma de catarse: «(...), vence o soneto a intemperância.» Aquela que o autor observa quando diz: «Vejo, no ecrã incendiado da televisão perversa, / a última notícia, rosto de criança, mãe chorosa. / Grassa a guerrilha, farrapos e corpos, dispersa / dor materializada pela história torva, ominosa. / Mas sinto? / Tão longe a catástrofe! Quase ficção. Dor, vê-se quanto nos abisma a condição do humano plinto. / Carne para a voragem do poder, eis o que somos. / Títeres escri-

vos, cúmplices laços, secos gomos.»

Pensa-se o autor. Sobre si e sobre os outros recaem a ternura e a raiva. A compreensão dos seus fracassos e a denúncia da sua futilidade. Passo a citar: «Memória! Pena estes corpos não produzirem nus. / Ei-los corrompidos pela história. Atordoado, / visio a perda. Não merecem o sol, quanta luz / cai sobre a terra. Procuram apenas o bronzeado.» Ou: «Não é conquista. Nem derrota. É o tempo ovante / transformando o corpo e a alma a seu talento!»

A lucidez escorre destes poemas de pendor filosófico. De um modo inquietante. Daí o autor afirmar: «Quisera viver da pedra o mutismo, a adiaforia. / Invejo a estupidez. Olhar para o mundo, e nada. / Nem uma emoção, nem um sobressalto: calma fria / onde pudesse esquadriñar a ironia, camuflada.»

Não me alongarei mais em conside-

randos acerca destes poemas agrupados sob o título de «Logos». Os outros dois grupos poéticos («Moirá» e «Aletia», que também fazem parte destes «75 Sonetos» exigem-me a sua atenção.

Assim, detenhamo-nos nos poemas de «Moirá»...

«Terrível dizê-lo, mas as palavras exigem guerra. / Não há paz no seio do poema, mas cartas, do jogo / onde a ausência vem, aparece. O corpo sabe, berra imprecações terrenas, revolta-se perante o fogo.», afirma-se e, mais uma vez, surge a palavra como a única e possível apreensão da vida. De um existir em que o autor se reconhece como o criador de impossíveis. Frustração de um cosmos equilibrado em antagonismos. Donde o dizer: «Bela rapariga que vens à janela, quisera... / Não é só frustração. Nem realmente desejo. / É outra coisa, é o tempo. É a

morte que oblitera / as transformações no oco, no recesso excruciante!»

São agressivos os versos de Silva Carvalho pela nudez com que nos lançam intranponíveis experiências. A do Eu confrontado com a constante fugacidade do manifesto. O pleno de luz e o asfíxiamento sórdido. Contudo, no conjunto poético de «Aletia», escreve: «Exijo mais que um leitor. Compreendam-me: passar sílaba a sílaba pela carne do sonho significa / mais que devolver ao texto a sua origem. Significa / sentir, pela primeira vez, a necessidade de amar.»

Perante tal confissão do Eu, só me resta desejar que o leitor se sinta atraído por esta escrita. Que a ame. Isto é: que o desejo do poeta não ecoe no silêncio da vossa indiferença.

Ana Paula Portugal

Viagem à roda do meu nome, Alice Vieira, ed. Caminho

VIAGEM à roda do meu nome — aqui temos o que, na verdade, se pode considerar um título na nossa literatura infanto-juvenil. Alice Vieira, seguindo linhas muito simples de narrativa, oferece-nos um alto exemplo de como uma história deve ser escrita e contada. Através de uma dialéctica ascendente, partindo de coisas simples até chegar a coisas menos simples, partindo de um nome que se não deseja até chegar à maturidade que o não repudia, a escritora mostra possuir aquele saber sobre as coisas da vida (ah, como as pequenas coisas são grandes!) absolutamente necessárias para a urdidura de uma escrita, de uma trama, de um retrato de família (ou de grupo, quase se queira abarcar um mundo mais vasto).

Dissemos um livro infanto-juvenil. Como as classificações, por vezes, se mostram inadequadas! Porque este livro, na realidade, vai também ao encontro dos adultos — e quem o ler com aquela arte subtil de saber ler, com aquele puro saber captar as essências deque a vida é feita, não mais esquecerá o personagem em itálico que é aquela mulher que, nada tendo com a família de que a história se ocupa, nos dá um claro testemunho do mundo em que vivemos. Estamos-nos a referir à passageira que,



por acaso, também embarca na mesma camioneta, e vai contando das suas recordações de companheira de um mágico que a morte já levou, tal como o coelho, tal como a pomba, tal como a cartola...

É uma mulher que vive a morte dos que lhe foram queridos, que ainda os «vê», que com eles «fala», mal sabendo que viaja com uma família que precisamente se foi despedir, para sempre, de uma familiar muito querida. Que se leia, pois esta breve nota de leitura de maneira nenhuma pode dar ao leitor toda a

riqueza de Alice Vieira, toda aquela arte de saber dosear, de ser «short» como mandam as boas regras, de se mostrar segura no entrelaçamento da imaginação com o entendimento.

Viagem à roda do meu nome («Não quero ser Abílio, agora é que quero ser Abílio!») é um grande ponto de referência na obra literária da escritora. Por tudo — mas nomeadamente por saber dizer aos mais jovens que tudo é feito de morte e vida...

Pedro Alvim

As imagens, de Francisco José Viegas, Ed. Caminho.

Não são vulgares, entre nós, os lançamentos públicos de novos livros de poesia. Má-consciência num «país de poetas»? Adiante, que o propósito destas linhas é, mais do que uma apressada nota de leitura, registar o lançamento deste belo livro de poemas de Francisco José Viegas. Aconteceu a noite passada, no Centro Nacional de Cultura. Fernando Dacosta falou do livro, recordou as palavras de Pascoaes sobre a saudade («força que nos liberta da morte e da inércia») e sublinhou a peculiar circunstância de a melhor filosofia portuguesa viver nas obras dos nossos muitos e bons poetas. Leu ainda excertos de poemas e de um romance, «Regresso por um rio», do mesmo autor, a lançar dentro de dias. Antecedeu-o Vítor Branco, da Caminho, que falou da aposta crescente da sua editora na colecção Poesia que regista já títulos de Graça Varella Cid, Pedro Alvim, Eduardo Olímpio, Oliveira Castro, José Carlos Gonzalez e Viale Moutinho (o do «Piano Bar», de recordações inesquecíveis de um colégio da nossa infância, algures em Espinho, há muitos anos).

Regressemos às «Imagens» de Francisco José Viegas, atrapalhado no lançamento com os rasgados elogios de Fernando Dacosta. O autor de «O Víuvo» sugeriu, insistiu,

exigiu, por fim, que Viegas lesse alguns dos poemas. Timidamente, o poeta leu. E leu, entre outros, o «pássaro azul» que aqui se regista, como exemplo ou ilustração maior, de outras cerca de sessenta raras e preciosas Imagens de «todas as coisas», do amor, da amizade, dos pássaros e rios, flores e ilhas, alegrias e tristezas, cidades, mares, marés...

«Não voes mais, pássaro do sul, por entre/ vasos e camélias quando o tempo passa/ e é grande o desejo de outro voo mais além/ não voes mais, pássaro do sul, por entre/ tradições e dias contados como frutos, / há um momento em que os amigos se sentam / e falam do passado, e nesse instante/ voltam o rosto para não ver as labaredas/ que os envolvem, eu próprio já adormeci/ sob os salgueiros enquanto os rios corriam/ velozes sobre as nuvens mais baixas/ não voes mais, pássaro do sul, há tantas / tradições, cabelos ao vento, recados/ não voes para lá da vista, pássaro azul.»

E.A.

